

Um olhar. que persiste

Ensaaios críticos sobre o
Capitalismo e o Socialismo



A. L. Rocha Barros, Antônio Candido, Carlos Santiago,
Carlos Félix, Florestan Fernandes, Jacob Gorender,
José Mao Jr., Lincoln Secco, Luis Franco,
Olival Freire Jr., Osvaldo Coggiola,
Paul Singer



Documento Histórico

Carta de Lançamento do Núcleo Temático de Estudos de *O Capital* (PT/SP - 1991)

Texto assinado por: Luís Franco, Lincoln Secco e
Carlos Santiago

Os estudos empreendidos por Karl Marx e Friedrich Engels acerca do processo revolucionário verificado no cenário político europeu do século passado corroboraram, de maneira cabal, a superioridade do materialismo histórico enquanto método capaz de forjar os alicerces teóricos de uma práxis política eficaz do ponto de vista da superação do capitalismo e instauração de uma nova formação social, correspondente a um estágio superior do desenvolvimento da humanidade. Tal método, haurido da percuciente observação do processo revolucionário que se desenvolvia sob as vistas dos fundadores do socialismo científico, permitiu-lhes compreender que as formas assumidas pelas lutas de classes e os avatares políticos delas decorrentes eram, em última instância, determinados pelos estágios de desenvolvimento percorridos no âmbito do processo econômico, vale dizer, da produção e reprodução da vida material pelos próprios homens. Com efeito, Marx só pôde estabelecer o diagnóstico completo da derrota do proletariado francês durante o período revolucionário que se estende de 1848 a 1850 após ter em seu poder o material comprobatório da crise do comércio mundial de 1847, verdadeira deflagradora da revolução, e da ulterior prosperidade industrial que se enceta já em meados de 1848 e atinge seu apogeu em 1850, colocando um termo no período em questão:

Sob essa prosperidade geral, em que as forças produtivas da sociedade burguesa se desenvolvem com toda a exuberância que lhe permitem as condições burguesas, não se pode de modo algum falar de verdadeira revolução. Semelhante revolução só pode ocorrer naqueles períodos em que esses dois fatores, as modernas forças produtivas e as formas burguesas de produção, entram em conflito uma com a outra. (...) Contra ela hão de esboroar-se todas as tentativas de reação de conter o desenvolvimento burguês, assim como toda a indignação moral e todas as proclamações entusiastas de democratas. Só é possível uma nova revolução em consequência de uma nova crise. Mas uma é tão certa quanto a outra (Karl Marx, *As lutas de classe em França*, Editora Global, 1986, p. 146).

Em 1895, Engels explicita o corolário metodológico dos estudos de Marx ao salientar que, enquanto não estiver disponível o conhecimento exato da situação econômica do período perquirido, o

(...) método materialista terá, frequentemente, de se limitar a reduzir os conflitos políticos às lutas de interesses entre classes sociais e as frações de classe existentes, determinadas pelo desenvolvimento econômico, e a demonstrar que os diversos partidos políticos são a expressão política mais ou menos adequada das referidas classes e frações de classe (F. Engels, “Introdução” *in idem*, p. 30).

Após a derrota da revolução em 1850, Marx e Engels retiraram-se provisoriamente da cena pública para o gabinete de estudos. Mas a experiência acumulada pela atividade política anterior foi decisiva no encaminhamento das investigações, cujo resultado peremptório constitui a própria destilação científica daquela experiência, tendo sido exposta na obra intitulada *O Capital*. Nela, Marx demonstra que a acumulação capitalista ou reprodução do capital em escala ampliada engendra, em determinado estágio de seu desenvolvimento, as próprias condições de superação do capital, entre elas a acumulação de miséria em grandeza absoluta e proporcionalmente crescente:

Com a diminuição constante do número de magnatas do capital, os quais usurpam e monopolizam todas as vantagens desse processo de transformação, aumenta a extensão da miséria, da opressão, da servidão, da degeneração, da exploração, mas também a revolta da classe trabalhadora, sempre numerosa, educada, unida e organizada pelo próprio mecanismo do

processo de produção capitalista. O monopólio do capital torna-se um entrave para o modo de produção que floresceu com ele e sob ele. A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho atingem um ponto em que se tornam incompatíveis com seu invólucro capitalista. Ele é arrebatado. Sob a hora final da propriedade privada capitalista, os expropriadores são expropriados (K. Marx, *O Capital*, volume II, editora Nova Cultural, 1988, pp. 283/284).

Florestan Fernandes, com a comezinha clarividência que lhe é peculiar, evidencia a repercussão que a acumulação capitalista provoca no âmbito da política ao explicar a constituição do PT segundo tais parâmetros metodológicos:

Há uma relação dialética entre a força da burguesia e a força dos trabalhadores – e ambas dependem do grau de desenvolvimento capitalista circundante. (...) O PT procede das profundezas do modo de produção capitalista oligopolista, em seu primeiro pico de crescimento e sob a industrialização maciça que ele propiciou. Ele sucedeu às antigas lutas econômicas e políticas sindicais, e vinculou-se a um novo sindicalismo, que tinha seus alicerces dentro das fábricas (e, em alguns casos, das plantações) e das comissões formadas para combater e derrotar a repressão (Florestan Fernandes, *Fundamentos de um Programa para o PT*, 1991).

Em uma palavra, a própria acumulação capitalista amplia a base sobre a qual a contradição entre capital e trabalho assalariado se manifesta em lutas de classe cada vez mais exacerbadas e polarizadas em duas classes fundamentais da sociedade: a burguesia e o proletariado. Entrementes, o impulso e a direção do processo revolucionário vai sendo gradativamente transferido das mãos de classes oriundas de relações de produção pré-capitalistas para as mãos do proletariado numericamente crescente. Marx já o constatara em 1850, asseverando que

(...) excetuando alguns capítulos, todos os parágrafos mais importantes dos anais da revolução de 1848 e 1849 levam a epígrafe: derrota da revolução! Mas o que sucumbia nessas derrotas não era a revolução, eram os tradicionais apêndices pré-revolucionários, resultantes de relações sociais que ainda não se haviam agudizado o bastante para tomar a forma de violentas contradições de classe: pessoas, ilusões, ideias, projetos de que não estava isento o partido revolucionário antes da revolução de fevereiro e de que não poderia ser liberto

pela vitória de fevereiro, mas só por uma série de derrotas. Numa palavra: o processo revolucionário não abriu caminho através de suas tragicômicas conquistas diretas, mas, pelo contrário, foi com o engendramento de uma contra-revolução cerrada e potente, gerando e combatendo um adversário, que o partido da subversão pôde finalmente converter-se em um partido verdadeiramente revolucionário (Marx, *As lutas de classe em França*, p. 49).

Mas o desenvolvimento histórico posterior a 1850 conferiu à derrota do proletariado a ao decorrente aborto do sufrágio universal um significado ampliado. Engels, em 1895, declara que

(...) A História nos desmentiu, bem como a todos que pensavam de maneira análoga. Ela demonstrou que o estado de desenvolvimento econômico no continente ainda estava muito longe do amadurecimento necessário para a supressão da produção capitalista; demonstrou-o pela revolução econômica que, a partir de 1848, apoderou-se de todo o continente e que, na verdade, somente então concedeu cidadania à grande indústria na França, na Áustria, na Hungria e na Polônia e, por último, na Rússia, tornando a Alemanha um país industrial de primeira ordem, tudo isso em bases capitalistas, o que significa que essas bases tinham, ainda, em 1848, grande capacidade de expansão. Ora, precisamente essa revolução industrial é que primeira vez lançou luz em toda parte sobre as relações de classe, suprimiu grande quantidade de formas intermediárias provenientes do período manufatureiro e, na Europa Oriental, saídas das próprias corporações, gerando uma verdadeira burguesia e um verdadeiro proletariado da grande indústria e empurrando-os para o primeiro plano do desenvolvimento social. No entanto, é apenas nesse momento que a luta dessas duas grandes classes – que, em 1848, fora da Inglaterra, só se dera em Paris e, no máximo, em alguns centros industriais – ampliou-se em toda a Europa, assumindo uma intensidade impossível de se imaginar naquele ano. (...) A reação imperial de 1851 forneceu uma nova prova da imaturidade das aspirações do proletariado dessa época. Entretanto, ela mesma devia criar a condições nas quais aquelas aspirações não podiam deixar de amadurecer. A tranquilidade interna assegurou o pleno desenvolvimento do novo surto industrial (...) Ora, o resultado geral foi que na Europa a independência e a unificação interna das grandes nações, com exceção da Polônia, foram estabelecidas de fato. É verdade que isso se deu em limites relativamente modestos, embora em proporções

suficientes para que o processo de desenvolvimento da classe operária não encontrasse nas complicações nacionais sérios obstáculos. Os coveiros da revolução de 1848 haviam-se transformado em seus executores testamentários. E, ao lado deles, já erguia ameaçador, na Internacional, o herdeiro de 1848: O Proletariado (Engels, *idem*, pp 35-37).

A Alemanha foi, nesse período, o palco das transformações mais contundentes sofridas pelas coordenadas das lutas de classes, na medida em que as condições objetivas criadas pela acumulação capitalista e pelo consequente crescimento do proletariado propiciaram o advento, nesse país, do sufrágio universal e de um partido de massas proletário, o SPD:

A guerra de 1870-71 e a derrota da Comuna tinham, como predissera Marx, transferido provisoriamente da França para a Alemanha o centro de gravidade do movimento operário europeu. É claro que, na França, foram necessários anos para a recuperação da sangria de maio de 1871. Na Alemanha, pelo contrário, onde a indústria, favorecida pelo maná dos bilhões franceses, desenvolvia-se a um ritmo cada vez mais acelerado, a social-democracia crescia com rapidez e obtinha êxitos ainda maiores do que antes. Graças à inteligência com que os operários alemães utilizaram o sufrágio universal instituído em 1866, o crescimento espantoso do partido surgiu abertamente aos olhos do mundo inteiro em cifras indiscutíveis (Engels, *idem*, p. 38).

As novas circunstâncias então emergentes no cenário europeu e, particularmente, na Alemanha subverteram todas as formas anteriores pelas quais se haviam efetivado as revoluções sociais. Segundo Engels,

(...) todas as revoluções se reduziram até hoje à derrocada do domínio de uma classe determinada e sua substituição por outra; mas até agora, todas as classes dominantes eram apenas pequenas minorias comparativamente à massa dominada do povo. Era derrubada uma minoria dominante e outra minoria tomava em suas mãos o leme do Estado e transformava as instituições públicas de acordo com os seus interesses. Essa minoria era sempre o grupo que se capacitara para o domínio, e era chamado a ele, pelas condições do desenvolvimento econômico, sendo precisamente por isso, e apenas por isso, que, quando da derrocada, a maioria dominada ou tinha uma participação favorável à minoria ou, pelo menos, a aceitava pacificamente. Todavia, se abstraímos o conteúdo concreto de cada caso, a

característica comum de todas essas revoluções era a de serem revoluções de minorias. Mesmo quando a maioria prestava sua colaboração, fazia-o – consciente ou inconscientemente – a serviço de uma minoria; mas esta, seja por isso, seja pela atitude passiva e não resistente da maioria, aparentava representar todo o povo (Engels, *idem*, p. 33-34).

Ora, as vicissitudes históricas posteriores a 1850 demonstraram que o mesmo processo pelo qual a iniciativa e a orientação da revolução passavam ao controle do proletariado era também o processo mediante o qual a revolução deixava de ser apanágio de uma minoria consciente à frente da maioria inconsciente e tornava-se empreendimento da grande maioria da população, a saber, o proletariado consciente e organizado em um grande partido de massas nos moldes do SPD:

Se as condições mudaram na guerra entre os povos, não mudaram menos para a luta de classes. Passou o tempo dos golpes de surpresas, das revoluções executadas por pequenas minorias conscientes à frente das massas inconscientes. Onde quer que se trate de transformar completamente a organização da sociedade, cumpre que as próprias massas nisso cooperem, que já tenham elas próprias compreendido de que se trata, o motivo pelo qual dão seu sangue e sua vida. Isso foi o que nos ensinou a história dos últimos 50 anos. Mas para que as massas compreendam o que é necessário fazer é preciso um trabalho longo e perseverante; é precisamente esse trabalho que realizamos agora, com tal êxito que desesperam nossos adversários (Engels, *idem*, p. 44).

Cabe observar que essa subversão determinada pela época moderna no modelo de revolução radica exatamente no caráter histórico específico da revolução proletária diante de todas as revoluções que a precedera. Nesse sentido, Marx conclui que

A transformação da propriedade privada parcelada, baseada no trabalho próprio dos indivíduos, em propriedade capitalista é, naturalmente, um processo incomparavelmente mais longo, duro e difícil do que a transformação da propriedade capitalista, realmente já fundada numa organização social de produção, em propriedade social. Lá, tratou-se da expropriação de massas do povo por poucos usurpadores, aqui trata-se da expropriação de poucos usurpadores pela massa do povo (Marx, *O Capital*, volume II, p. 284).

A partir das novas condições históricas dadas, Engels ainda nos apresenta um painel da orientação básica a ser seguida pelo partido de massas proletário, que contém em si o germe da democracia da maioria ou socialismo, no contexto político da democracia formal burguesa respaldada pelo sufrágio universal:

Mesmo que o sufrágio universal não tivesse produzido outros benefícios, além de permitir contar, a cada três anos, quantos somos; aumentar, pelo crescimento regularmente verificado e extremamente rápido do número de votos, a certeza de vitórias dos operários, bem como na mesma medida o pavor entre seus adversários, tornando-se assim nosso melhor meio de propaganda; mesmo que só servisse para nos informar com precisão nossa própria força e a de todos os partidos adversários fornecendo-os, assim, um critério superior a qualquer outro para calcular o alcance de nossa situação, preservando-nos tanto de um inoportuno temor como de uma louca audácia igualmente despropositada, se esse fosse o único benefício que tivéssemos tirado do direito de sufrágio, já seria mais do que suficiente. Forneceu-nos, com a agitação eleitoral, um meio inigualável para entrar em contato com as massas populares onde elas estão afastadas de nós, para obrigar todos os partidos a defenderem perante o povo suas opiniões e seus atos, diante de nossos ataques; ademais, abriu a nossos representantes no Reichstag uma tribuna da qual podem falar não apenas a seus adversários no parlamento, mas também às massas do lado de fora com maior autoridade e maior liberdade que na imprensa e nas reuniões (Engels, *idem*, p. 40)

Florestan Fernandes verifica muito bem o mesmo fenômeno de agudização e polarização das lutas de classes no Brasil durante o processo de transição democrática que se estabelece com o esgotamento do regime ditatorial militar, inserindo o surgimento do PT no mesmo processo:

A greve de 1978 efetuou uma ruptura que punha o grande capital, a contra-revolução e seu governo ditatorial de um lado, os operários e o movimento sindical de outro (...). Clareou-se o cenário histórico – chegara a hora decisiva de fundar um partido que pudesse reunir os dissidentes, somando todas as forças e ideologias – vindas do passado recente ou nascidas do presente, que estivessem voltadas para a formação de um arco operário orgânico. Em aliança com dissidentes de outras classes (os trabalhadores da terra, os setores radicais da pequena burguesia e da classe média assalariada), impunha-se partir em busca de

um límpido projeto histórico socialista para o Brasil, pluralista, íntegro e irredutível. Por fim, surgia um partido dotado de uma ótica revolucionária nas lutas de classes. Parafraseando Marx e Engels, um partido que, em 1979, se impunha como fim: constituição dos proletários em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado. E que se propunha a educar para o socialismo radical os operários, os trabalhadores da terra, os trabalhadores intelectuais pertencentes aos estratos assalariados da pequena burguesia e das classes médias, unindo-os solidária e revolucionariamente na construção da sociedade nova (F. Fernandes, *idem*).

Podemos agora derivar um resultado geral preliminar dos elementos até aqui considerados: a acumulação capitalista ou reprodução ampliada de capital exacerba as lutas de classes ao acumular miséria e alçar, destarte, a contradição entre capital e trabalho assalariado a patamares cada vez mais elevados. Entrementes, a vanguarda do processo revolucionário transfere-se das mãos de grupos sociais minoritários, remanescentes de relações de produção vestigiais pré-capitalistas (pequena burguesia, campesinato etc.) para as mãos da grande maioria da população composta pelo proletariado. É só então que a democracia formal burguesa estabelece-se de maneira vitoriosa. Mas, ao estabelecer-se, essa democracia formal burguesa, de caráter ainda eleitoral-representativo, engendra as condições objetivas de sua própria superação no partido de massas proletário, que traz consigo o germe da democracia da maioria ou socialismo.

Em função do que foi exposto, parece evidente que a constituição de um núcleo temático cuja orientação teórica e prática tem como fulcro o materialismo histórico justifica-se pela necessidade premente de elaboração de um programa político para o PT composto de objetivos imediatos e finais e fundamentado na própria compreensão do processo histórico-concreto que originou e mantém esse partido de massas proletário no Brasil.

Por conseguinte, resolvemos fundar um núcleo temático de estudos de *O Capital* (Karl Marx) no âmbito do Partido dos Trabalhadores e em absoluta concordância com seus estatutos. Os alicerces deste núcleo constituíram-se ao longo do funcionamento de um grupo de estudos pregresso que, embora não fosse oficialmente vinculado ao PT, era majoritariamente composto por filiados e simpatizantes, os quais reuniam-se periodicamente no

escritório do deputado federal Florestan Fernandes e no Diretório Municipal do PT em São Paulo. Tal grupo nasceu em 10 de agosto de 1991 e concluiu a discussão do Livro Primeiro de *O Capital* em fevereiro do ano corrente (1993). A continuidade do grupo, sob a nova organização em forma de núcleo temático incorporado ao PT, tem como desiderato tanto o prosseguimento dos estudos da referida obra seminal de Marx quanto a ampliação de suas atividades mediante a abertura de subgrupos atuantes em áreas específicas (tais como educação, questão agrária, política partidária etc.), tendo em vista a formação de militantes aptos a intervir politicamente nos movimentos sociais e dentro do próprio PT.